

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
João Manuel Nunes Torrão
(Coords.)



Aveiro | Coimbra | São Paulo 2015

UA Editora - Universidade de Aveiro | Imprensa da Universidade de Coimbra | Annablume

Este volume resulta de várias iniciativas desenvolvidas no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), recolhendo contribuições de mais de duas dezenas de colaboradores, tanto de membros da equipa como de outros investigadores nacionais e estrangeiros. Entre os eventos que estiveram na origem deste livro destacam-se as três edições do Ciclo de Conferências promovido pelo projecto, realizadas entre 2010 e 2013, e sobretudo o Colóquio Internacional “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que decorreu no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nos dias 21 e 22 de Novembro de 2013.

O objectivo principal do projecto é a edição e tradução para português dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque... enarrationes* (Veneza, 1553), estando contemplada, também, a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do médico português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides; a jusante, a do livro intitulado *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) de Pietro Andrea Mattioli.

OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
da Universidade de Aveiro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto
Benveniste” da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

EDIÇÃO

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

DESIGN DA CAPA
MEIOKILO DESIGN STUDIO

DESIGN
CARLOS COSTA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SERSILITO • MAIA

ISBN

UA • 978-972-789-434-5
IUC • 978-989-26-0940-9

ISBN DIGITAL

UA • 978-972-789-435-2
IUC • 978-989-26-0941-6

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0941-6>

DEPÓSITO LEGAL 368241/13

TIRAGEM 500 Exemplares

© 2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

COMISSÃO CIENTÍFICA

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
Delfim Ferreira Leão
Henrique Leitão
João Manuel Nunes Torrão
Maria de Fátima Reis
Maria do Céu Zambujo Fialho
Miguel Ángel González Manjarrés

TEXTOS

Adelino Cardoso
Ana Leonor Pereira
Ana Margarida Borges
António Guimarães Pinto
António Maria Martins Melo
Bernardo Mota
Carlos A. Martins de Jesus
Carlos de Miguel Mora
Cristina Santos Pinheiro
Donald Beecher
Emília Oliveira
Isabel Malaquias
James W. Nelson Novoa
Joana Mestre Costa
João Manuel Nunes Torrão
João Rui Pita
Jorge Paiva
José Sílvio Moreira Fernandes
Maria de Fátima Silva
Miguel Ángel González Manjarrés
Rui Manuel Loureiro
Telmo Corujo dos Reis
Teresa Nobre de Carvalho
Vinicije B. Lupis
Virgínia Soares Pereira

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

**OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:**

**CENTRO DE LÍNGUAS,
LITERATURAS E CULTURAS DA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

**CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS
"ALBERTO BENVENISTE"
DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **ECH** CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
da Universidade de Coimbra



SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
1) HUMANISMO E CIÊNCIA	11
1.1 “Teofrasto, <i>Tratado das plantas</i> . No alvor de uma nova ciência”	13
<i>Maria de Fátima Silva</i>	
1.2 “Francisco de Melo e os fragmentos de teoria óptica de Pierre Brissot”	21
<i>Bernardo Mota</i>	
1.3 “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos <i>Colóquios dos simples</i> de Garcia de Orta”	37
<i>Rui Manuel Loureiro</i>	
1.4 “Estratégias, patronos e favores em <i>Colóquios dos Simples</i> de Garcia de Orta”	63
<i>Teresa Nobre de Carvalho</i>	
1.5 “As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica)”	95
<i>Jorge Paiva</i>	
1.6 “Nicolás Monardes, John Frampton and the Medical Wonders of the New World”	141
<i>Donald Beecher</i>	
1.7 “Literatura e Medicina: alguns textos de Justo Lúpsio e de dois doutores Luís Nunes”	161
<i>António Guimarães Pinto</i>	
1.8 “Ontologias e idiosincrasias dos Amantes, à luz da <i>Archipathologia</i> de Filipe Montalto”	211
<i>Joana Mestre Costa & Adelino Cardoso</i>	
1.9 “Gabriel da Fonseca. A New Christian doctor in Bernini’s Rome”	227
<i>James W. Nelson Novoa</i>	

2) DIOSCÓRIDES E O HUMANISMO PORTUGUÊS:	
OS COMENTÁRIOS DE AMATO LUSITANO	249
2.1 “Léxico científico português nos <i>Comentários</i> de Amato: antecedentes e receção”	251
<i>Ana Margarida Borges</i>	
2.2 “Usos medicinais das plantas, em Amato Lusitano: o bálsamo”	275
<i>António Maria Martins Melo</i>	
2.3 “Amato Lusitano e a importância da ilustração botânica no século XVI. Em torno das edições líonesas das <i>Enarrationes</i> (1558)”	303
<i>Carlos A. Martins de Jesus</i>	
2.4 “Sobre la identificación entre ébano y guayaco en una entrada del <i>Index Dioscoridis</i> de Amato Lusitano”	317
<i>Carlos de Miguel Mora</i>	
2.5 “Os partos distócicos em Amato Lusitano e em Rodrigo de Castro: fontes, doutrinas e terapias greco-romanas”	353
<i>Cristina Santos Pinheiro</i>	
2.6 “Do carvalho ao castanheiro: usos e propriedades medicinais de fagáceas nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano”	373
<i>Emília Oliveira</i>	
2.7 “O mundo mineral nos <i>Comentários</i> a Dioscórides de Amato Lusitano”	387
<i>Isabel Malaquias & Virgínia Soares Pereira</i>	
2.8 “Alguns comentários de Amato: entre a estranheza e a realidade”	413
<i>João Manuel Nunes Torrão</i>	
2.9 “Caracterização e usos terapêuticos de produtos de origem marinha nos <i>Comentários</i> de Amato Lusitano a Dioscórides”	425
<i>José Sílvio Moreira Fernandes</i>	
2.10 “La mandrágora de Amato Lusitano: edición, traducción y anotación”	449
<i>Miguel Ángel González Manjarrés</i>	
2.11 “O vinho e os vinhos — usos e virtudes de um dom dos deuses nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano”	467
<i>Telmo Corujo dos Reis</i>	
2.12 “Amatus Lusitanus e Didaco Pirro: due ebrei portoghesi e cerchia umanistica di Dubrovnik”	481
<i>Vinicije B. Lupis</i>	
2.13 “Estudos contemporâneos sobre Amato Lusitano”	513
<i>João Rui Pita & Ana Leonor Pereira</i>	

Ontologias e idiossincrasias dos *Amantes*, à luz da *Archipathologia* de Filipe Montalto.¹

JOANA MESTRE COSTA²

ADELINO CARDOSO³

RESUMO:

Desde a Antiguidade Clássica, despertam os amantes o engenho do labor poético, a curiosidade do pensamento filosófico e, mesmo, o interesse da análise médica. A verdade é que, entregues a um imoderado sentimento, aqueles que amam nem sempre se mostram capazes de conciliar a razão e os sentidos, acabando por se deixar dominar por um espírito insano. É, precisamente, sobre este motivo que reflete Catulo, no seu carne 85, ou, antes dele, Anacreonte, no fragmento 46, conquanto se acerque já o poeta latino de uma apreciação mais idiossincrática.

Com efeito, da mesma excruciação se ocupa Filipe Montalto, ao deter-se, no Tratado Quinto da sua *Archipathologia* datada de 1614, sobre a “Insânia dos Amantes”. Evidentemente que é médico o olhar de Montalto, e que este é um entre dezoito tratados que procuram a classificação das afeções neuropsiquiátricas. Assim, à semelhança das demais doenças elencadas, também no que à insânia dos amantes diz respeito, se investigam e procuram estabelecer as causas, a sintomatologia e uma terapêutica para a enfermidade. São estas ontologias e idiossincrasias dos *Amantes*, sobretudo as possíveis à luz da *Archipathologia* de Filipe Montalto, que pretende este trabalho explorar.

PALAVRAS-CHAVE:

Insânia dos Amantes; *Topos* Literário; Afeção Neuropsiquiátrica; *Archipathologia*; Filipe Montalto.

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto «Arte médica e inteligibilidade científica na *Archipathologia* de Filipe Montalto» do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, coordenado por Adelino Cardoso e que conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

2 Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro: joanamestrecosta@ua.pt.

3 Centro de História da Cultura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa: cardoso.adelino@gmail.com.

ABSTRACT:

Since Classical Antiquity, lovers arouse the ingenuity of the poetic work, the curiosity of the philosophical thought and even the interest of the medical review. The truth is that, handed over to an immoderate feeling, those who love do not always show themselves capable of reconciling reason and senses, eventually being dominated by an insane mind. It is precisely on this motive that ponders Catullus, in his *carmen* 85, or, prior to him, Anacreon, in the fragment 46, although being the Latin poet's approach a more idiosyncratic consideration.

Indeed, with the same excruciation is busied Filipe Montalto, while lingering over "Lovesickness", in the Fifth Treatise of his *Archipathologia* from 1614. Of course that it is medical the look of Montalto, and this is one among eighteen treatises seeking the classification of neuropsychiatric affections. Thus, approximating the other illnesses listed, also regarding the insanity of lovers, are the causes, symptoms and treatment for the disease investigated and established. Are these ontologies and idiosyncrasies of the *Amantes*, especially the conceivable under the light of the *Archipathologia* of Filipe Montalto, that this study intends to explore.

KEYWORDS:

Lovesickness; Literary *Topos*; Neuropsychiatric Affection; *Archipathologia*; Filipe Montalto.

Se Teletusa vier e os prometidos gozos me trazer,
 vou guardar para a minha bem-amada as quatro do teu nome, Rufo;
 se indecisa estiver, com sete cíatos esperarei; se defraudar o amante,
 para afogar as mágoas, a soma dos dois nomes beberei.⁴

Marco Valério Marcial, 8.50(51).23-26

Agraciado com um belíssimo copo cinzelado, presente de Istâncio Rufo, o poeta de Bilibilis conta, neste epigrama, que, à saúde do seu amigo e seguindo o costume, onze cíatos — um por cada letra do vocativo do nome celebrado, *Istanti Rufe*, neste caso — se tomarão, reservando, porém, a estreia para Teletusa, à mercê de quem o tem submetido o amor. E, acrescenta o epigramatista, se a sua bem-amada, indecisa, o fizer esperar, beberá sete dos onze, se, decidida a não comparecer, o fizer desesperar, embriagar-se-á, com os restantes quatro.

Não era, decerto, esta, nem ao tempo, a prescrição terapêutica mais adequada para o desassossego dos amantes; no entanto, esta solução, quotidianamente, praticada, no século I, não foi inovadora, nem viria a cair em desuso, com o porvir.

As *curae* — ‘cuidados’, ‘inquietações’, ‘tormentos de amor’ ou ‘mágoas’ — de Marcial ou, pelo menos, de tantos amantes por ele observados, decorriam da discrepância dos comportamentos e, não raro, dos sentimentos entre o amante e a coisa amada, que, nas palavras do bilbilitano, assume o papel da *domina* — ‘senhora’ — a quem o *amans*, como um qualquer *cliens*, se sente subjugado.

E não se caía na errónea tentação de crer que os papéis do amante e da coisa amada estavam, *a priori*, destinados a pertencer ao género masculino, o primeiro, o derradeiro, ao feminino. Qualquer ser humano — homem ou mulher — se podia deixar tomar de um amor e de um desejo dominadores e doentios pelo objeto da sua afeição. Dido, a primeira rainha de Cartago, como é de todos cógnito e como no-lo rememora, na sua epopeia, Virgílio, deixou-se perder de *curae* por Eneias:

At non infelix animi Phoenissa, neque umquam
 soluitur in somnos oculisue aut pectore noctem
 accipit: ingeminant curae rursusque resurgens
 saeuit amor magnoque irarum fluctuat aestu. (En. 4.529-532)⁵

4 Tradução de Paulo Sérgio Ferreira (C. S. PIMENTEL (introdução e notas); D. F. LEÃO; J. L. L. BRANDÃO; P. S. FERREIRA (tradução), *Marcial — Epigramas*. Vol. III, Clássicos Gregos e Latinos. Lisboa, Edições 70, 2001), a partir da edição crítica de David Roy SCHACKLETON BAILEY (D. R. SCHACKLETON BAILEY, *Martial — Epigrams*. Vol. 2, Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 1993):
 si Telethusa uenit promissaque gaudia portat,
 seruabor dominae, Rufe, triente tuo;
 si dubia est, septunce trahar; si fallit amantem,
 ut iugulem curas, nomen utrumque bibam.

5 G. P. GOOLD (revision); H. R. FAIRCLOUGH (translation), *Virgil — Eclogues, Georgics, Aeneid 1-6*. Vol. 1, Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, 1934 (1998 reprint).

Mas não a fenícia de espírito infeliz nunca repousa em sono
ou acolhe a noite com os olhos e o peito:
os cuidados redobram novamente o amor ressurgente,
enfurece-se e agita-se no grande furor das iras.⁶

Assim, se as mais canónicas relações amorosas ou o próprio amor sempre incentivaram a criação literária, quer lírica, quer heroica, quer dramática, entre os greco-latinos, a verdade é que aqueles que amam, entregues a um imoderado sentimento e, quase nunca, capazes de conciliar a razão e os sentidos, dominados que estão por um espírito insano, despertaram, desde a Antiguidade Clássica, não apenas o engenho do labor poético, mas também a curiosidade do pensamento filosófico e, mesmo, o interesse da análise médica.

É, precisamente, este motivo que intelectualiza a filosofia platónica e é sobre ele que reflete, ainda na Hélade, o lírico Anacreonte, no fragmento 46:

Ἔρῳ τε δηῖτε κοῦκ ἔρῳ,
καὶ μαίνομαι κοῦ μαίνομαι.⁷

Amo e não amo,
Estou louco e não estou louco.

Depois dele, Catulo, em Roma, no seu carme 85, acerca-se mais ainda de uma apreciação idiossincrática, conquanto vática:

Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.⁸

Odeio e amo. Por que razão o faço, talvez te perguntes.
Não sei, mas sinto que sucede e excrucio-me.

6 Todas as traduções apresentadas, quer as de clássicos greco-latinos quer as da *Archipathologia*, são da autoria de Joana Mestre Costa, salvo, como indicado, a dos versos de Marcial em epígrafe.

7 B. GENTILI, *Anacreonte — introduzione, testo critico, traduzione, studio sui frammenti papiracei*. Lyricorum Graecorum quae exstant. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1958.

8 G. P. GOOLD (revision); F. W. CORNISH (translation of Catullus); J. P. POSTGATE (translation of Tibullus); J. W. MACKAIL (translation of the *Peruigilium Veneris*), *Catullus, Tibullus, Peruigilium Veneris*. Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, 21913 (1995 reprint).

Com efeito, da mesma excruciação se ocupa Filipe Montalto, guiado, como o próprio assume, pelo testemunho das precedentes autoridades iátricas de Galeno, Haly Habbas (‘Ali Ibn Al-‘Abbas Al-Magusi), Abulcasis (Abu’l-Qasim Khalaf ibn ‘Abbas al-Zaharawi) e Avicena, ao deter-se, sobre a “Insânia dos Amantes”, no Tratado Quinto, da sua *Archipathologia*:

Amantium insania est sollicitudo melancholica, ex immoderato amore profecta accendens, uariis subinde pathematibus animum exagitans. Dum enim laborans amoris inflictum uulnus alit uenis, et caeco carpitur igni, incessanter amatae rei fruendae ardentissimo desiderio cruciatur, ac modo inani spe ducitur; modo timore, aut desperatione premitur; modo graui tristitia conflictatur; modo prae laetitia delusorie gessit; ac demum uariorum animi pathematum uicissitudine fluctuat.⁹

A insânia dos amantes é um desassossego melancólico, motivado e dependente de um imoderado amor, que, por meio de sofrimentos vários, perturba, com frequência, o ânimo. Com efeito, em atividade, aumenta, benevolentemente, a ferida do amor infligida, e consome-se por um fogo cego, atormenta-se, sem cessar, por um ardentíssimo desejo de fruir da coisa amada, e guia-se, só, pela esperança vã; detém-se, só, pelo temor ou pelo desespero; choca-se, só, com a tristeza profunda; exulta, só, diante da alegria enganosa; e flutua, em suma, numa sucessão dos vários padecimentos do ânimo.

Evidentemente que é médico este olhar de Montalto, datado de 1614, e que, à semelhança do que sucede com as demais perturbações neuropsiquiátricas, elencadas nos restantes dezassete tratados de que se compõe a obra, também, no que à insânia dos amantes diz respeito, se investigam e procuram estabelecer as causas, a sintomatologia e uma terapêutica para a enfermidade.

São estas ontologias e idiosincrasias dos *Amantes*, sobretudo, as possíveis à luz da *Archipathologia* de Filipe Montalto, que, neste contexto de trabalho, versando a questão médico-filosófica, suscitada pelo tema “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, pretende explorar o presente labor.

Duas ordens de razões —, uma firmada na sua origem e no seu percurso e uma outra (e, sem dúvida, a mais importante) de cariz meritório —, justificam o presente escrutínio do ponto de vista montaltino.

Montalto, à semelhança de Amato, possui ascendência judaica e, também ele, é de naturalidade albicastrense, tendo nascido em 1567. O percurso de ambos, como o de boa parte dos

9 F. MONTALTO, *Archipathologia, in qua internarum capitis affectionum: essentia, causae, signa, praesagia, et curatio accuratissima indagine edisseruntur*. Lutetiae, Apud Franciscum Iacquin, Sumptibus Caldorianae Societatis, 1614, p. 381.

cristãos-novos portugueses ao tempo, corre em paralelo: a curiosidade humanista, a formação iátrica, máxime salmantina, e a jornada europeia, motivada pela pátria perseguição inquisitorial e acicatada pelos ensejos de *negotium*.

Antes ainda da viragem do século, Montalto acaba por rumar para a Europa transfronteiriça, onde abraça, aberta e definitivamente, o judaísmo e dá continuidade à prática clínica que exercera, outrora, em Portugal. No decurso do seu périplo europeu, centrado em Itália, a sua renomada conduta de esculápio dita que assista (e com auspicioso resultado, acrescente-se), em Paris, a italiana Leonora Galigai, aia e irmã de leite da Rainha Maria de Médicis, e que, segundo o próprio, haja sido o seu nome proposto para cátedras de Medicina em Bolonha, Messina, Pisa e Pádua.

Se alguma perplexidade ensombra estes últimos factos, quanto à sua próxima relação com família dos Médicis, não residem dúvidas: Filipe Montalto foi protegido do grão-duque Fernando I e as duas obras que dá à estampa, dedica-as, a primeira, *Ad Sereniss. Hetruriae Principem D. Cosmum Medicem (Ao Sereníssimo Príncipe da Etrúria D. Cosme de Médicis)*¹⁰, a segunda, através de uma epístola introdutória, *Christianissimae Gallarum et Nauarrae Reginae Regenti Maria de Medices (À Cristianíssima Rainha Regente das Gálias e de Navarra, Maria de Médicis)*¹¹, sob a égide de quem, trocária, aliás, em 1612, a Itália pela França, onde viria a sucumbir, em Tours, no ano de 1616¹².

A primeva das empresas científicas montaltinas — *Optica intra Philosophiae, et Medicinae aream, de uisu, de uisus organo, et obiiecto theoriam accurate complectens* —, publicada, em 1606, em Florença, acabaria por conhecer, até aos nossos dias, mais larga difusão e mais aturados estudos do que a derradeira — *Archipathologia, in qua internarum capitis affectionum: essentia, causae, signa, praesagia, et curatio accuratissima indagine edisseruntur* —, cuja primeira edição parisiense data de 1614. No entanto, ao passo que, aquela, *accurata* — ‘precisa’, ‘escrupulosa’, ‘completa’ —, traria alguma depreciação ao seu autor; esta, *accuratissima* — ‘muito precisa’, ‘muito escrupulosa’, ‘muito completa’ —, conceder-lhe-ia a atenção dos investigadores.

Com efeito e segundo Alfredo Rasteiro, “Montalto procurou os fundamentos da visão num mundo em que o conhecimento estava limitado pela teoria dos quatro elementos e pela doutrina dos quatro humores e legou-nos uma *Optica*, 1606, que não acrescentará Kepler (1604) e será

10 F. MONTALTO, *Optica intra Philosophiae, et Medicinae aream, de uisu, de uisus organo, et obiiecto theoriam accurate complectens*. Florentiae, Apud Cosmum Iuntam, 1606, p. de rosto.

11 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., *Epistola*.

12 As mais relevantes informações sobre a biografia de Filipe Montalto sintetiza-as Herman P. Salomon, podendo, por exemplo, ser consultadas na edição do *Tratado da Verdade da Lei de Moisés* de Saul Levi Morteira, o rabino que terá, em 1612, acompanhado Montalto de Veneza para Paris (cf. H. P. SALOMON (edição fac-similada e leitura do autógrafo (1659), introdução e comentário), *Saul Levi Mortera — Tratado da Verdade da Lei de Moisés (escrito pelo seu próprio punho em português em Amesterdão, 1659-1660)*. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1988, pp. XL-XLIII).

rapidamente ultrapassada por Scheiner (1619), Benito Daça de Valdes (1623) ou Descartes (1636)”¹³, conquanto possua o valimento, como também salienta o mesmo investigador, de ser “a única de autor “português” sobre este assunto, entre o *De Oculo* de Pedro Hispano (1220?-1277) e os *Elementos de Cirurgia Ocular* (1793) de Joaquim José de Santa Anna (1735?-1814)”¹⁴.

Já, através da *Archipathologia*, procura Filipe Montalto estabelecer a descrição e a classificação das afeções neuropsiquiátricas em dezoito tratados: sobre a dor, sobre a dor de cabeça, sobre a frenite e a parafrenite, sobre a melancolia, sobre a insânia dos amantes, sobre a mania ou furor, sobre a loucura lupina ou canina, sobre a demência e a fatuidade, sobre a perda e a fraqueza de memória, sobre o coma ou catáfora, sobre o coma em estado de vigília, sobre a letargia, sobre o caro, sobre a catalepsia, sobre as vertigens, sobre o íncubo, sobre a epilepsia e sobre a apoplexia. E muito embora Philippe Pinel seja, graças à concretização e à publicação, em 1801, do seu *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental*, considerado o fundador da moderna psiquiatria¹⁵, a verdade é que Montalto foi, *avant la lettre*, um clínico que consagrou parte (e uma parte importante) da sua atividade a esse porvindouro ramo da Medicina devotado às doenças e às perturbações da mente e à respetiva terapêutica.

O pioneirismo de Filipe Montalto reside na abordagem das afeções mentais e, sobretudo, na confiança havida na Medicina como meio para o triunfo da natureza sobre os desvios de um organismo malsão que atestam o mérito da obra; o do seu autor assevera-o uma dedicação que pôde traduzir-se em resultados mais promitentes, no tocante às perturbações neuropsiquiátricas, que os de coetâneos seus do humanismo europeu, como Felix Plater, com as *Observações* de 1614, Robert Burton, com *A Anatomia da Melancolia* de 1621, ou Francisco Sanches, com as *Obras Médicas* de 1636.

Montalto arrisca, ao contrário de Sanches¹⁶ ou de Plater¹⁷, colocar o foco, exclusive, sobre as desordens da mente, e, consegue, ao contrário de Burton¹⁸, um mais extensivo e estruturado produto dessa focagem.

13 A. RASTEIRO, “Amato, Montalto e a Arte dos Olhos nos Séculos XVI e XVII”, *Medicina na Beira Interior da pré-História ao Século XX. Cadernos de Cultura* 8 (1994), p. 6.

14 Ibidem.

15 Cf. P. PINEL, *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental*. Tradução de B. BARREIROS, N. MELIM e N. M. PROENÇA, Universalia, Série Ideias, 6. Lisboa, Colibri, 2011, passim.

16 Cf. F. SANCHES, *Opera Medica — his iuncti sunt tractatus quidam Philosophici non insubtiles*. Tolosae Tectosagum, Apud Petrum Bosc, 1636, passim.

17 Cf. F. PLATER, *Obseruationum, in hominis affectibus plerisq[ue], corpori et animo, functionum laesione, dolore, alia ue molestia et uitio incommodantibus, Libri Tres*. Basileae, Ludovic König, 1614, passim e M. A. KATRITZKY, *Healing, Performance and Ceremony in the Writings of Three Early Modern Physicians: Hippolytus Guarinonius and the Brothers Felix and Thomas Platter*. The History of Medicine in Context. Farnham, Ashgate Publishing, 2012, passim.

18 Cf. R. BURTON, *The Anatomy of Melancholy, what it is, with all the kinds, causes, symptomes, prognostics, and several cures of it. In three partitions. With their several sections, members, and subsections, philosophically, medicinally, historically opened and cut up*. London, Printed for J. CUTHELL et alii, 121821, passim.

O Quinto Tratado da *Archipathologia*, sobre o desassossego melancólico em que consiste a insânia dos amantes, é um bom exemplo da visão montaltina: revisitando a temática da amênia amorosa, fá-lo, ao contrário do que sucede nos *Diálogos de Amor*¹⁹ de Leão Hebreu, à luz de uma conceção menos filosófica do que clínica²⁰, e, de modo dissemelhante do proposto por Jacques Ferrand no seu *Tratado sobre a Essência e a Cura do Amor ou sobre a Melancolia Erótica*²¹, numa perspetiva mais neuropsiquiátrica do que psicológica e escusando-se, ainda, a compor um *cabinet de curiosités*²². Assim, conquanto seja o quinto dos mais breves entre os tratados da obra, não deixa, pela sua perspicuidade (não menos que pelo seu arrojo), de despertar a curiosidade e o interesse dos especialistas.

O autor principia a sua análise pela categorização desta patologia, determinando-lhe a essência e apontando-lhe as causas, com destreza na utilização da terminologia científica e clareza de discurso e concedendo especial atenção no que à legitimação das suas afirmações diz respeito, como torna perceptível o remate do primeiro capítulo:

Interna huius passionis causa humor est atrabiliaris cerebrum intemperans, animalesque spiritus uitians. Externa, immoderatus, aut diutinus amor. Huius enim uis tum per se, tum solitudinis, ac uigiliarum interuentu, igneum, torridum, ac demum atrabiliarium sanguinem reddit; hic uero ad cerebrum delatus, insaniam parit [...]. Sic recte Auicennas lib. 3 canonis, eam melancholicis morbis adnumerat: minus recte, ut reor, alibi cholericis.²³

A causa interna desta afeção é o humor atrabiliário, que destempera o cérebro e que adultera os espíritos animais. A [causa] externa [é] um amor excessivo ou que dura muito tempo. Com efeito, a força desta [afeção], tanto por si própria, como pela intervenção da inquietação e das insónias, torna o sangue inflamado, ardente e, finalmente, atrabiliário; este, levado ao cérebro, com efeito, gera a insânia [...]. Assim, com validade, a enumera Avicena entre as doenças melancólicas, no terceiro livro dos cânones; com menos validade, segundo penso, noutra passagem, entre as coléricas.

19 Obra principal de Leão Hebreu, os *Diálogos de Amor* foram, a título póstumo, publicados em 1535.

20 L. HEBREU, *Diálogos de Amor*. Apresentação de J. VILA-CHÃ e Tradução de G. MANUPPELLA. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001, passim.

21 Titulada, no original, *Traité de l'Essence et Guérison de l'Amour ou de la Mélancolie Érotique*, esta obra de Jacques Ferrand foi, pela primeira vez, dada à estampa em 1610, numa edição que alguns críticos consideram superior à sucessiva e revista de 1623.

22 J. FERRAND, *A Treatise on Lovesickness*. Translated and Edited and with a Critical Introduction and Notes by D. A. BEECHER and M. CIAVOLELLA. Syracuse, Syracuse University Press, 1990, passim.

23 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 382.

O segundo capítulo dedica-o Montalto à descrição dos sintomas, cujo escrutínio, logo adverte, não é fácil, quando:

Affectionis speciem, et originem, quandoque insanientes ipsi propalant, quandoque celant; [...].²⁴

Os próprios dementes por vezes divulgam, por vezes escondem o tipo e a origem da paixão; [...].

Porém, elenca o autor uma série de manifestações físicas e de sinais psicológicos desta afeção: insónia, falta de apetite, magreza excessiva, atrofia corpórea, olhos cavos, indivíduos arrítmicos, suspirantes e incapazes de pensar, espíritos atidos só à forma, ainda que fantasiosa, da coisa amada ou desejada e que, dependendo da reciprocidade do sentimento, se mostram alegres e risonhos ou coléricos e desesperados. E o derradeiro dos sucessos desta afeção é a aniquilação do amente:

Quod ad praesagium attinet, in furorem, ferinaque deliramenta aliquando commigrat haec passio; quin et uisi sunt non pauci hac passione laborantes, qui prae desperatione et insania se ipsos interemerunt.²⁵

No que diz respeito ao prognóstico, esta paixão muda-se, enfim, em furor e delírio ferino; e, ainda mais, são vistos não poucos que sofrem desta paixão que, por desespero e insânia, se matam a si próprios.

É com base na própria observação clínica, mas também (se não mesmo, sobretudo) na de terceiros — tomando, de forma particularmente expressiva, os *exempla* sobre as palpitações cardíacas, proporcionados pelos estudos de Erasístrato e de Galeno, sobre o mítico caso de

24 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 383.

25 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 386.

Antíoco e Estratonice²⁶ e sobre a situação da mulher de Pílades²⁷, na devida ordem — que encontra o fundamento científico para a sua descrição. E isto, de imediato, se torna evidente no início da sua exposição sintomatológica:

Vniuersum corpus gracile, et aridum in dies euadit, ut Galeni, Halyabbatis, Alzaraij, et Auicennae testimonio ratum est; prodit experientia; firmat ratio belle ab eodem amorum doctore decantata;

“Attenuant iuuenum uigilatae corpora noctes,
Curaque et immenso qui fit amore dolor.”²⁸

26 Ao amor de Antíoco por Estratonice, celebrizado pelas artes, da literatura à música, passando pela pintura, e ratificado pela autoridade de Estrabão ou de Plutarco, concede Montalto tratamento exemplar, salientado o papel do iátrico Erasítrato, na deteção deste célebre caso de insânia amorosa:

[...] quippe cum Antiochus Seleuci Regis filius, uesano Stratonices nouercae amore correptus, prae uerecundia impium uulnus dissimularet, duo hi animo inclusi affectus, amor nempe, et uerecundia, miserum adolescentem diuexantes pene contabefecerant; donec Erasistratus ingrediente Stratonice, aut ipsa obeunte, effatu dignam diuersitatem in Antiochi uultu, in respiratione, et in pulso obseruans, dissimulanter iterum, atque iterum animaduertens, urentem Stratonices amorem, aegritudinis causam esse, penitius explorauit, remque totam Seleuco patri exposuit, qui charissima coniuge cedens, in filii medelam, ipsum ab imminente morte uendicauit. (F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., pp. 384-385)

[...] visto que Antíoco, filho do rei Seleuco, tomado por um louco amor pela madrastra Estratonice, teria ocultado, por pudor, o ímpio golpe, [e] estes dois conjugados no ânimo, a afeição, amor sem dúvida, e o pudor, quase teriam consumido, devastadores, o jovem infeliz; então, Erasítrato, observando, no semblante, na respiração e no pulso de Antíoco, uma diferença digna de menção, aproximando-se Estratonice ou estando a mesma distante, [e], várias vezes, em segredo, verificando que o amor por Estratonice era a causa da aflição, examinou mais profundamente e expôs todo o caso ao pai, Seleuco, que, afastando-se da caríssima cônjuge para a cura do filho, roubou o mesmo à morte iminente.

27 À semelhança do seu predecessor Erasítrato, que, a partir da observação da condição de Antíoco, pôde dar um contributo significativo para o dealbar do estudo da arritmologia, também Galeno procurou a compreensão dos ritmos cardíacos, examinando a mulher de um certo Pílades; e sobre as conclusões do segundo dos esculápios se pronunciaria, de novo, Montalto:

Haud multo aliter Galenus, iusti uxorem Pyladis amore captam deprehendit, non uiso, sed solum nominato Pylade praedictam turbationem considerans, ut apud ipsum lidere est, lib. *de praenotione ad Posthumum*, quo loco etiam nugas appellat eorum opinionem, qui credunt arterias amatorie pulsare, seu certam quandam esse pulsus differentiam amoris indicatricem; sed sicut in concertationibus et pauoribus animum ex improviso turbantibus, pulsum immutari accidit; sic et in uesano amore, re amata subito occurrente, aut eiusdem facta mentione; [...]. (F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 385)

De modo não muito diferente, Galeno, com fundamento, descobriu, tomada pelo amor, a mulher de Pílades, nunca divisado, mas, apenas, designado por Pílades, considerando o predito tumulto, como no próprio está patente, no livro *De praenotione ad Posthumum*, nesse passo também chama [Galeno] bagatelas à opinião daqueles que creem que as artérias pulsam amorosamente, ou que uma certa diferença no pulso é sinal do amor; mas sucede que assim como o pulso se altera por causa de um conflito e de uma agitação que, de improviso, perturbam o ânimo, assim por causa de um louco amor, inesperadamente presente a coisa amada ou dela feita menção; [...].

28 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 383.

O corpo todo se torna, de dia em dia, magro e mirrado, como está determinado pelo testemunho de Galeno, Haly Habbas, Abulcasis e Avicena; [como] mostra a experiência; [como] estabelece o argumento pelo mesmo doutor dos amores belamente declamado:

“As noites de vigília enfraquecem os corpos dos jovens;
e o cuidado e a dor nascem deste imenso amor.”²⁹

Aparentemente inusitado poderá parecer este último convocado: trata-se do poeta Ovídio este *encantador mestre dos amores*. A perícia que, neste domínio, reconhece o iátrico ao vate, adviria, decerto, da reflexão proporcionada pela redação das páginas da sua *Arte de Amar* e não menos dos seus *Remédios de Amor*, das suas *Heroides* ou dos seus *Amores*.

A verdade é que cedendo a literatura à ciência *exempla* completivos dos testemunhos das autoridades médicas e da experiência clínica — assim corroboram estes escritos de Ovídio, como os de Marcial, os de Virgílio, os de Anacreonte ou os de Catulo, antes, citados —; acabaria a ciência por conceder à literatura uma certa competência no seio da sua especialidade.

E não apenas quanto aos sintomas da insânia dos amantes indagou Montalto as obras ovidianas, como também no tocante à cura, como, depressa, permite perceber o dealbar do capítulo terceiro do seu tratado:

Vesani amoris curatio mox circa initia aggredienda, antequam ille altius radices defigat,
ut et magnus ille amorum magister belle cecinit.

Dum nouus est, coepto potius pugnemus amori;

Flamma recens parua sparsa resedit aqua.

Et alibi:

Dum licet, et modici tangunt praecordia motus,

Si piget, in primo limine siste pedem.

Opprime, dum noua sunt subiti mala semina morbi,

Et tuus incipiens ire resistat equus.

Nam mora dat uires:

Et rursum:

Principiis obsta, sero medicina paratur,

Dum mala per longas conualuere moras.³⁰

29 A tradução de Ov., A. A., 1.735-736 supôs confronto com a edição crítica de George P. Goold e J. H. Mozley (G. P. GOOLD (revision); J. H. MOZLEY (translation), *Ovid — The Art of Love and Other Poems*. Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, 21979 (1999 reprint)).

30 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 386.

A cura do amor louco deve ser empreendida de imediato, antes que aquele fixe raízes muito profundamente, e assim bem cantou aquele grande mestre dos amores:

“Enquanto é novo, lutemos contra um amor que começámos a sentir;
uma chama recente extingue-se, quando salpicada com pouca água.”³¹

E numa outra obra:

“Enquanto é possível, e são ligeiros os movimentos que agitam o teu coração,
se te deixam pesaroso, mantém o pé no primeiro limiar.

Esmaga, enquanto são novas, as funestas sementes de uma súbita doença
e que, desde a partida, o teu cavalo se recuse a avançar.

Pois a demora dá forças.”³²

E, em seguida:

“Resiste aos começos, demasiado tarde é preparado o remédio,
quando a doença ganhou força por uma longa demora.”³³

Cedo ou tarde combatida, esta afeição para ser debelada, conclui Montalto, na senda científica de Hipócrates, Galeno, Paulo Egineta, Avicena, Haly Habbas ou Oribásio (mas, também, na literária de Ovídio), carece de procedimentos específicos, capazes de harmonizar o espírito (como o afastamento relativamente à coisa amada, o evitamento da solidão, a promoção da conversação elevada, a contemplação das coisas divinas, a dedicação às leituras sagradas, o entretenimento quer pela caça, quer pela pesca, quer pelos jogos, espetáculos e distrações de toda a sorte, a ocupação por meio de um qualquer ofício ou, mesmo, a busca de um novo amor e, até, a corretiva sujeição a chicotes e varas) e de regular o corpo (como os preparados e as beberagens, os sonos retemperadores, os banhos ou mais dúbias purgas de heléboro ou de lápis-lázuli), perturbados por esta vera afeição.

Um inegável intento de eficácia curativa acompanha a tentada classificação exaustiva das patologias neuropsiquiátricas, central no estudo montaltino, assim, a mais óbvia das curas para insânia dos amantes teria de constituir a primeira proposta deste elenco terapêutico:

[...] si licet amata re potiri, id sufficiens plerunque fuerit praesidium, tum pro amouenda insania, tum pro omni corporis damno resarciendo.³⁴

31 A tradução de *Ov. H.* 17.189-190 supôs confronto com a edição crítica de George P. Goold e Grant Showerman (G. P. GOOLD (revision); G. SHOWERMAN (translation), *Ovid — Heroïdes, Amores*, Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, 1973).

32 A tradução de *Ov. Rem.* vv. 79-83 supôs confronto com a edição crítica de George P. Goold e J. H. Mozley (G. P. GOOLD (revision); J. H. MOZLEY (translation), *Ovid — The Art of Love...*, op. cit.). O mesmo aconteceu no passo seguinte.

33 *Ov. Rem.* vv. 91-92.

34 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., p. 387.

[...] se é permitido possuir a coisa amada, isto terá, geralmente, sido socorro suficiente, tanto diante da insânia que deve ser banida, como diante de todo o dano do corpo que deve ser reparado.

Filipe Montalto constitui, pois, uma referência entre os humanistas portugueses e, mesmo, entre os europeus, e este Tratado Quinto da sua *Archipathologia* disso mesmo faz prova, pela forma como recupera a tradição platónica e a recoloca à luz das narrativas de sucessivas gerações de homens das ciências e das letras, mas, sobretudo, do saber médico do seu tempo, conceptualizando doutrinalmente a insânia dos amantes:

Haec porro effraenata, disformis, inconstans, ac caeca appetentium facultatum motio, prauam facultatum principum functionem sequitur. Non solum enim dilectae, desiderataeque rei formam multo pulchriorem, uenustioioremque phantasia ementitur; sed et ipsam nunc praesentem, nunc absentem, fugientemue confingit; nunc uotis annuentem, nunc abnuentem; nunc aduersam et acriter infensam: quale uero phantasiae figmentum, talis appetitus passio. Cogitativa, ratiocinatrixue non modo phantasiae mendacia non corrigit, sed et seducta ipsis assentitur [...].³⁵

[...] este impulso desenfreado, disforme, inconstante e cego das faculdades apetitivas resulta num vicioso funcionamento das faculdades principais. Com efeito, a imaginação não mente apenas quanto à forma, muito mais bela e muito mais encantadora, da coisa amada e desejada, como também a supõe ora presente, ora ausente ou fugidia; ora anuente, ora resistente, relativamente aos desejos; ora desfavorável e fortemente hostil: na verdade, tal a representação da imaginação, tal a paixão do apetite. A [faculdade] cogitativa ou ratiocinativa não só não corrige as ilusões da imaginação, como, seduzida, lhes dá a sua anuência [...].

Ora, do ponto de vista montaltino, só através da ciência médica se revelava ser possível controlar o desassossego que afeta os amantes, sanando as faculdades cupidinosas e assegurando às faculdades principais o seu funcionamento e a devida soberania.

35 F. MONTALTO, *Archipathologia...*, op. cit., pp. 381-382.

BIBLIOGRAFIA:

- BURTON, R., *The Anatomy of Melancholy, what it is, with all the kinds, causes, symptomes, prognostics, and several cures of it. In three partitions. With their several sections, members, and subsections, philosophically, medicinally, historically opened and cut up.* London, Printed for J. Cuthell et alii, ¹²1821.
- FERRAND, J., *A Treatise on Lovesickness.* Translated and Edited and with a Critical Introduction and Notes by D. A. BEECHER and M. CIAVOLELLA. Syracuse, Syracuse University Press, 1990.
- GENTILI, B., *Anacreonte — introduzione, testo critico, traduzione, studio sui frammenti papiracei. Lyricorum Graecorum quae exstant.* Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1958.
- GOOLD, G. P. (revision); CORNISH, F. W. (translation of Catullus); POSTGATE, J. P. (translation of Tibullus); MACKAIL, J. W. (translation of the *Peruigilium Veneris*), *Catullus, Tibullus, Peruigilium Veneris.* Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, ²1913 (1995 reprint).
- GOOLD, G. P. (revision); FAIRCLOUGH, H. R. (translation), *Virgil — Eclogues, Georgics, Aeneid 1-6.* Vol. 1, Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, ²1934 (1998 reprint).
- GOOLD, G. P. (revision); SHOWERMAN, G. (translation), *Ovid — Heroides, Amores,* Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, ²1973.
- GOOLD, G. P. (revision); MOZLEY, J. H. (translation), *Ovid — The Art of Love and Other Poems.* Loeb Classical Library. Cambridge and London, Harvard University Press, ²1979 (1999 reprint).
- HEBREU, L., *Diálogos de Amor.* Apresentação de J. VILA-CHÁ e Tradução de G. MANUPPELLA. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.
- KATRITZKY, M. A., *Healing, Performance and Ceremony in the Writings of Three Early Modern Physicians: Hippolytus Guarinonius and the Brothers Felix and Thomas Platter. The History of Medicine in Context.* Farnham, Ashgate Publishing, 2012.
- MONTALTO, F., *Optica intra Philosophiae, et Medicinae aream, de uisu, de uisus organo, et obiecto theoriam accurate complectens.* Florentiae, Apud Cosmum Iuntam, 1606.
- MONTALTO, F., *Archipathologia, in qua internarum capitis affectionum: essentia, causae, signa, praesagia, et curatio accuratissima indagine edisseruntur.* Lutetiae, Apud Franciscum Iacquin, Sumptibus Caldorianae Societatis, 1614.
- PIMENTEL, C. S. (introdução e notas); LEÃO, D. F.; BRANDÃO, J. L. L.; FERREIRA, P. S. (tradução), *Marcial — Epigramas.* Vol. III, Clássicos Gregos e Latinos. Lisboa, Edições 70, 2001.
- PINEL, P., *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental.* Tradução de B. BARREIROS, N. MELIM e N. M. PROENÇA, Universalia, Série Ideias, 6. Lisboa, Colibri, 2011.
- PLATER, F., *Observationum, in hominis affectibus plerisque, corpori et animo, functionum laesione, dolore, aliaue molestia et uitio incommodantibus, Libri Tres.* Basileae, Ludovic König, 1614.
- RASTEIRO, A., “Amato, Montalto e a Arte dos Olhos nos Séculos XVI e XVII”, *Medicina na Beira Interior da pré-História ao Século XX. Cadernos de Cultura* 8 (1994), pp. 6-10.

- SALOMON, H. P. (edição fac-similada e leitura do autógrafo (1659), introdução e comentário), *Saul Levi Mortera — Tratado da Verdade da Lei de Moisés (escrito pelo seu próprio punho em português em Amesterdão, 1659-1660)*. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1988.
- SANCHES, F., *Opera Medica — his iuncti sunt tractatus quidam Philosophici non insubtiles*. Tolosae Tectosagum, Apud Petrum Bosc, 1636.
- SHACKLETON BAILEY, D. R., *Martial — Epigrams*. Vol. 2, Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 1993.

A partir dos alvares do século XVI, a matéria médica torna-se indiscutivelmente um tema de primeira grandeza entre os membros da República das Letras, objecto de estudo e de controvérsia entre os mais notáveis humanistas europeus, em particular entre os cultores da arte médica. Entre os autores em destaque neste volume encontram-se, à cabeça, os nomes de Amato Lusitano, Garcia de Orta e Nicolás Monardes, famosos pelos contributos valiosos que deram para o conhecimento do mundo natural. O volume encontra-se dividido em duas partes: a primeira, subordinada ao título “Humanismo e Ciência”, alberga os estudos que versam sobre todos os autores estudados, à excepção de Amato Lusitano; a segunda está reservada a um conjunto de trabalhos dedicados exclusivamente ao médico albicastrense, cuja autoria se fica a dever, em boa parte, aos membros da equipa do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, tomando, por isso, o seu próprio título. Nesta segunda parte, oferece-se, desde já, aos leitores uma amostra significativa do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto e que culminará, assim se espera, na edição e tradução integral para língua portuguesa das quatro obras previstas de Dioscórides, Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli.



HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

O projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” constituiu-se como o ponto de partida de uma reflexão alargada sobre as relações entre Humanismo e Ciência, percebidas a partir do diálogo fecundo entre dois tempos tão próximos quão afastados: Antiguidade e Renascimento. Naturalmente, a matéria médica representa o eixo central em torno do qual gravita a maioria dos estudos deste volume, cujas ramificações se estendem a múltiplos saberes no domínio da Botânica, Farmácia, Geologia, História, Lexicografia, Literatura, Matemática, Medicina ou Zoologia.

Os humanistas que desde os finais do século XV editaram, comentaram e traduziram o tratado de Dioscórides estão na origem de um processo acelerado de (re)conhecimento do mundo natural, ancorado no método filológico e nos resultados carreados pela observação e pela experimentação de uma realidade tantas vezes nova e completamente desconhecida. Neste movimento de largo espectro, tomaram parte alguns dos autores em destaque neste volume, seja através do estudo da própria matéria médica e/ou da medicina (Amato Lusitano, Filipe Montalto, Gabriel da Fonseca, Garcia de Orta, John Frampton, Luís Nunes de Santarém, Nicolás Monardes, Rodrigo de Castro), seja através do culto da poesia (Camões, Diogo Pires, Luís Nunes), seja através da matemática (Pierre Brissot, Francisco de Melo).



universidade de aveiro
theoria poesis praxis

• U



C •



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



COMPETE

PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional